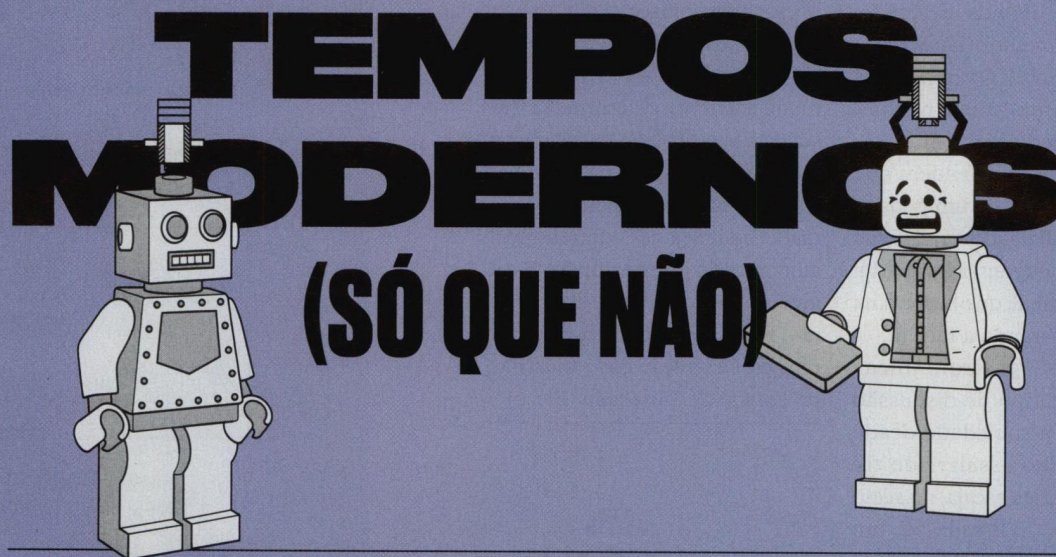


DOSSIÊ	TRABALHO
REPORTAGEM CAROL CASTRO, FELIPE FLORESTI E THIAGO TANJI	
DESIGN E ILUSTRAÇÕES MAY TANFERRI	



Algoritmos e máquinas inteligentes prometem revolucionar o trabalho em um futuro próximo. A tecnologia, entretanto, ainda não é capaz de resolver problemas anacrônicos como a escravidão contemporânea

A PALAVRA “TRABALHO” não tem uma origem muito convidativa: em latim, *tripalium* era o nome dado a um instrumento utilizado pelos romanos para torturar escravos. Durante séculos, trabalhar era o mesmo que perder a liberdade — as sociedades eram divididas entre os “pensadores” e aqueles que realizavam atividades braçais.

Quando o despertador o acorda em uma segunda-feira de manhã, é bem possível que você concorde com os gregos e romanos sobre o significado original do trabalho. Não deveria ser assim:

afinal, é justamente pela capacidade de materializar suas ideias que você é diferente de 99,99% das espécies do planeta. Em outras palavras, foi a capacidade humana de trabalhar e produzir riquezas que permitiu tantos progressos: saímos das cavernas para conquistar o espaço (e, eventualmente, criar memes).

Graças à especialização do trabalho, as atividades econômicas se diversificaram e garantiram inovações para a sociedade. Para a produção aumentar ainda mais, empresas já empregam a robotização em larga escala e utilizam

recursos de inteligência artificial em fábricas e escritórios.

O problema é que tanto avanço não foi capaz de superar questões que mais parecem reservadas aos tempos do *tripalium*: desemprego; remunerações abaixo da linha da dignidade; enfraquecimento do poder de negociação dos trabalhadores; registros de pessoas que vivem em condições análogas à escravidão. “Não estamos condenados à precarização, mas devemos mudar as soluções que estão sendo adotadas”, afirma Marcio Pochmann, professor do Instituto de Economia da [Unicamp](#).

A PARTE QUE LHE CABE

A APROVAÇÃO DA REFORMA TRABALHISTA NO BRASIL ILUSTRA AS DISPUTAS QUE EXISTEM NO MUNDO ECONÔMICO

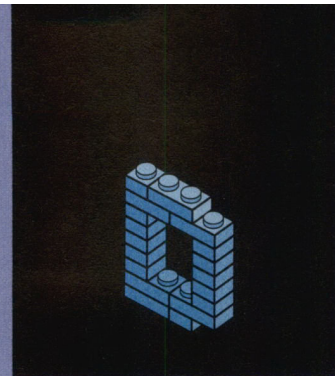
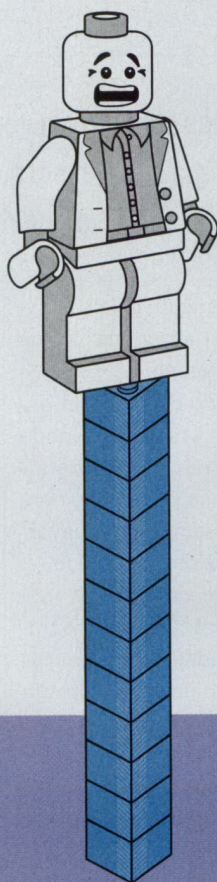
SE A ECONOMIA FOSSE um delicioso bolo de chocolate, qual seria a melhor maneira de dividir o quitute? Os donos das empresas que investiram na compra dos ingredientes para a fabricação do bolo defendem que são merecedores de um pedaço maior. Os trabalhadores, por sua vez, também querem a sua parte: foram eles, afinal, que ficaram na cozinha preparando a receita.

Ilustrações gastronômicas à parte, esse tipo de discussão acompanha a sociedade desde que o trabalho assalariado foi adotado em larga escala, no século 19. Em 2017, o Brasil viveu um novo capítulo da disputa: sob a justificativa de modernizar a legislação, o Congresso Nacional aprovou um projeto que altera mais de cem pontos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) — a lei foi criada em 1943 e unificava as normas trabalhistas brasileiras.

“A reforma inverte a lógica das relações de trabalho, dando maior proteção às empresas e desfavorecendo o trabalhador ao precarizar as formas de contratação”, afirma Patricia Pelatieri, coordenadora de pesquisas do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Entre outros pontos, trabalhador e

patrão podem negociar o banco de horas, a flexibilização da jornada e os termos de uma demissão.

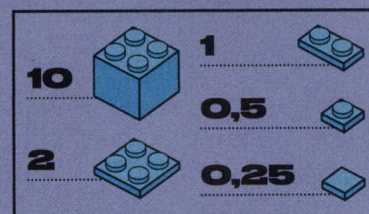
As empresas são a favor das mudanças. “A modernização trabalhista buscou garantir segurança jurídica e diálogo social nas relações de trabalho. Com isso, haverá mais confiança nas contratações, aumentando os investimentos e a geração de empregos”, diz Luciana Freire, diretora executiva jurídica da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).



DIRETO DA LINHA DE MONTAGEM

Informações recolhidas no quarto trimestre de 2017 fornecem um panorama sobre o trabalho no Brasil

COMO LER



RENDIMENTO MÉDIO DOS TRABALHADORES OCUPADOS

4º TRIMESTRE 2014

R\$ 2.148

4º TRIMESTRE 2015

R\$ 2.091

4º TRIMESTRE 2016

R\$ 2.120

4º TRIMESTRE 2017

R\$ 2.154

Fontes: IBGE

DA ESCRAVIDÃO À PRECARIZAÇÃO

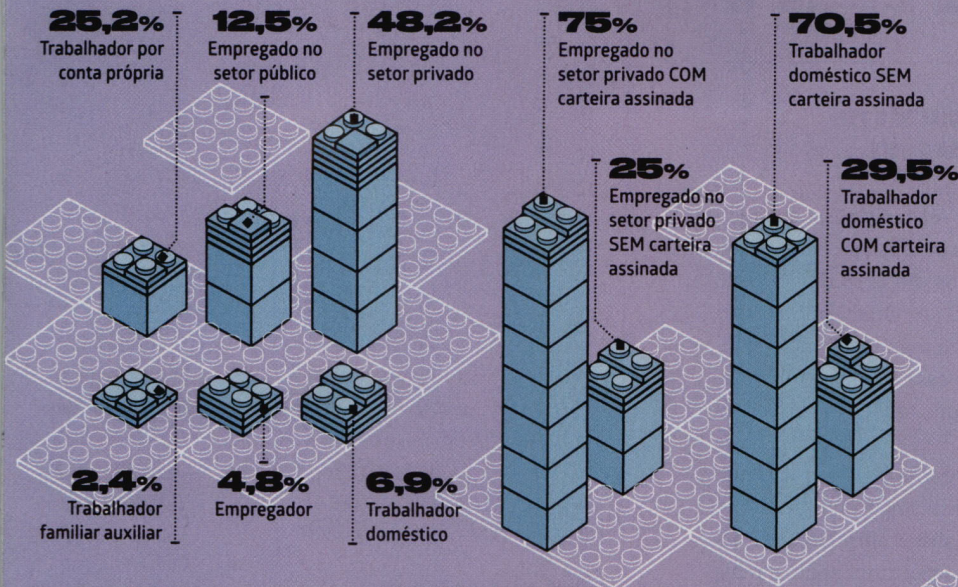
Em 500 anos, proteção aos direitos dos trabalhadores foi exceção no Brasil

1532

Indígenas são escravizados em lavouras destinadas à exportação

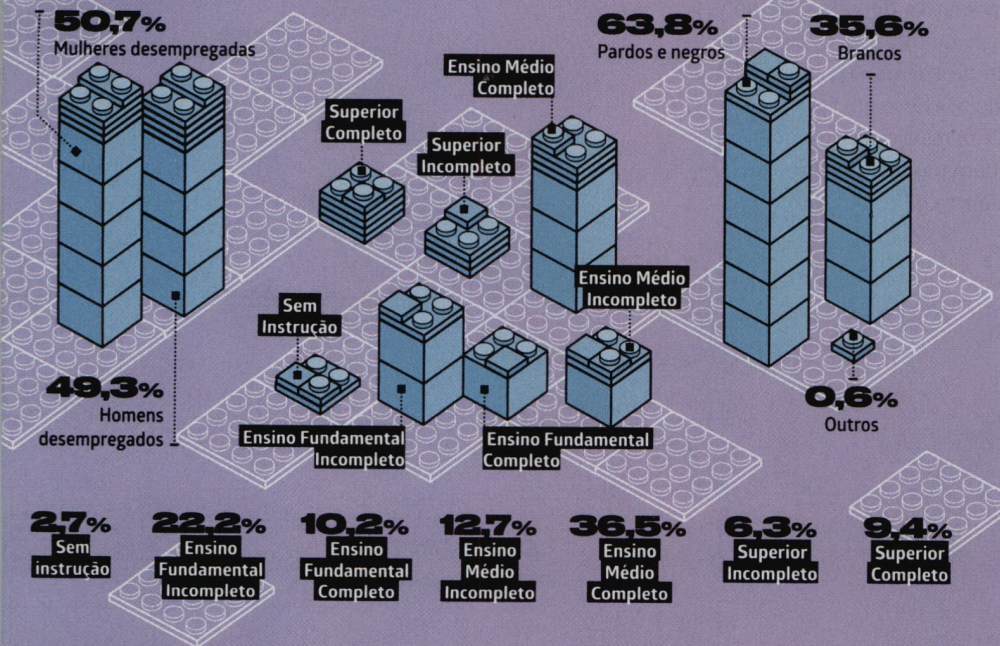
BATENDO O PONTO

Maior parte dos trabalhadores está em empresas privadas e com carteira assinada



DESIGUALDADE PERSISTENTE

Questões de raça e gênero influenciam índices de desemprego



ENTENDER A LEI É UM TRAMPO

JURISTAS AFIRMAM QUE REFORMA TRABALHISTA ACARRETOU MAIOR INSEGURANÇA JURÍDICA NO PAÍS

Não foram apenas sindicalistas que criticaram a maneira pela qual a Reforma Trabalhista foi implantada no Brasil. Para o juiz Guilherme Feliciano, presidente da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra), a nova lei foi pouco discutida entre a sociedade e apresenta pontos que vão contra a Constituição.

A Anamatra ajuizou duas Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADIs), que se somam a outras contestações da Reforma Trabalhista encaminhadas ao Supremo Tribunal Federal (STF).

“A lei passa a dizer, por exemplo, que as indenizações por dano moral e patrimonial serão calculadas sobre o salário contratual do trabalhador”, destaca Feliciano, que exemplifica a situação. “Um trabalhador da linha de produção, que recebe um salário mínimo, e o supervisor da fábrica, com salário de R\$ 20 mil, estão em um elevador e sofrem um acidente. Embora deveriam receber tratamento igual, o trabalhador receberá R\$ 55 mil de indenização e o supervisor, R\$ 1 milhão. Isso é quase uma discriminação censitária”, afirma o juiz.

1539

Chegada dos primeiros escravos africanos para o cultivo da cana-de-açúcar

1891

Após a abolição da escravidão, lei regula trabalho de menores de idade

1917

Em busca de maiores direitos, operários organizam Greve Geral em São Paulo

1943

Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) unifica os direitos trabalhistas

1988

Após a ditadura civil-militar, Constituição restabelece o direito de greve

2017

Congresso Nacional aprova Reforma Trabalhista que altera pontos da CLT

VIVER PARA TRABALHAR

DEBATE SOBRE MUDANÇAS NA PREVIDÊNCIA SOCIAL NÃO TEM A VER APENAS COM IMPACTOS FINANCEIROS PARA O PAÍS

O BRASILEIRO QUE nasceu no início do século 20 não tinha muito tempo de planejar o futuro: na década de 1940, a expectativa de vida no país era de 45,5 anos. Hoje, o IBGE afirma que o tempo médio de vida é superior a 75 anos — índice que só tende a crescer no futuro.

Com mais pessoas idosas, como será possível manter os direitos da aposentadoria? Em 2016, o governo federal apresentou uma proposta de Reforma da Previdência que aumentava o tempo para os trabalhadores requisitarem o benefício, além de estabelecer idades mínimas para a aposentadoria: 65 anos para os homens e 62 anos para as mulheres. Sem apoio popular, o projeto ainda não foi votado no Congresso.

“Cada vez mais pessoas precisarão dos benefícios e haverá cada vez menos dinheiro disponível”, ressalta o juiz Guilherme Feliciano. “Mas a maneira como se tentou fazer essa Reforma foi incorreta, porque focou-se na questão de cortar benefícios em vez de se pensar em outras fontes de custeio previstas na Constituição.”

Especialistas afirmam que é necessário fazer uma análise mais profunda sobre a realidade brasileira: em algumas cidades, como Cacimbas (PB) e Roteiro (AL), a expectativa de vida é de pouco mais de 65 anos. Sem contar o fato de que um agricultor, por exemplo, exerce um trabalho fisicamente mais exaustivo do que o de quem passa a maior parte do dia dentro de um escritório...

SAIBA PARA ONDE ENVIAR SEU CURRÍCULO

Conheça o funcionamento da legislação trabalhista em diferentes lugares do planeta



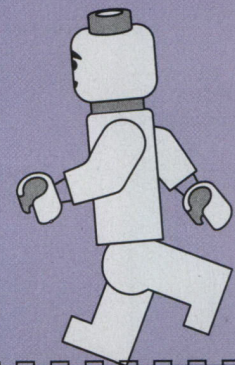
13º SALÁRIO

Assim como o Brasil, países como Argentina e México concedem o benefício. Os Estados Unidos não contam com essa política.

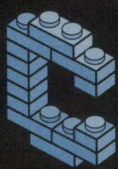


TECNOLOGIA

Lei francesa de 2017 diz que o trabalhador não é obrigado a responder e-mails profissionais fora do período de trabalho.




CHEGOU A HORA DO CAFÉ?



México e Costa Rica lideram o ranking de horas trabalhadas por ano. Brasil fica em posição intermediária

COMO LER

 SEMANA

 DIA

UM ANO
=
52
SEMANAS

UMA SEMANA
=
168
HORAS

1º México	2.255 horas
2º Costa Rica	2.212 h.
3º Coreia do Sul	2.069 h.
4º Grécia	2.035 h.
5º Rússia	1.974 h.
6º Chile	1.974 h.
7º Polônia	1.928 h.
8º Israel	1.889 h.
9º Islândia	1.883 h.
10º Irlanda	1.879 h.
18º Brasil	1.711 h.



TEMPO DE TRABALHO

Um brasileiro trabalha, pelo menos em tese, 44 horas por semana. Já os franceses têm uma jornada de 35 horas semanais.



FÉRIAS

Quem trabalha na China não tem muito tempo para curtir as férias: com exceção de feriados, são apenas cinco dias de folga por ano.



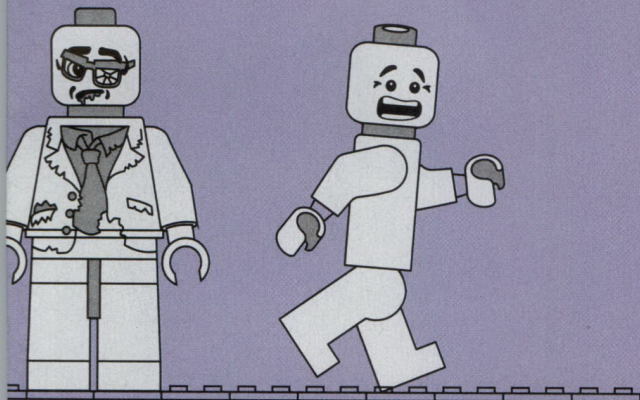
LICENÇA-MATERNIDADE

Ao lado de países como Libéria e Lesoto, os Estados Unidos são uma das poucas nações que não concedem o benefício às mães.



REMUNERAÇÕES

De acordo com a OIT, 169 países têm um salário mínimo. Quem mora na Austrália recebe remuneração média mensal de quase R\$ 7 mil.



OTIMISMO NÃO GERA EMPREGOS

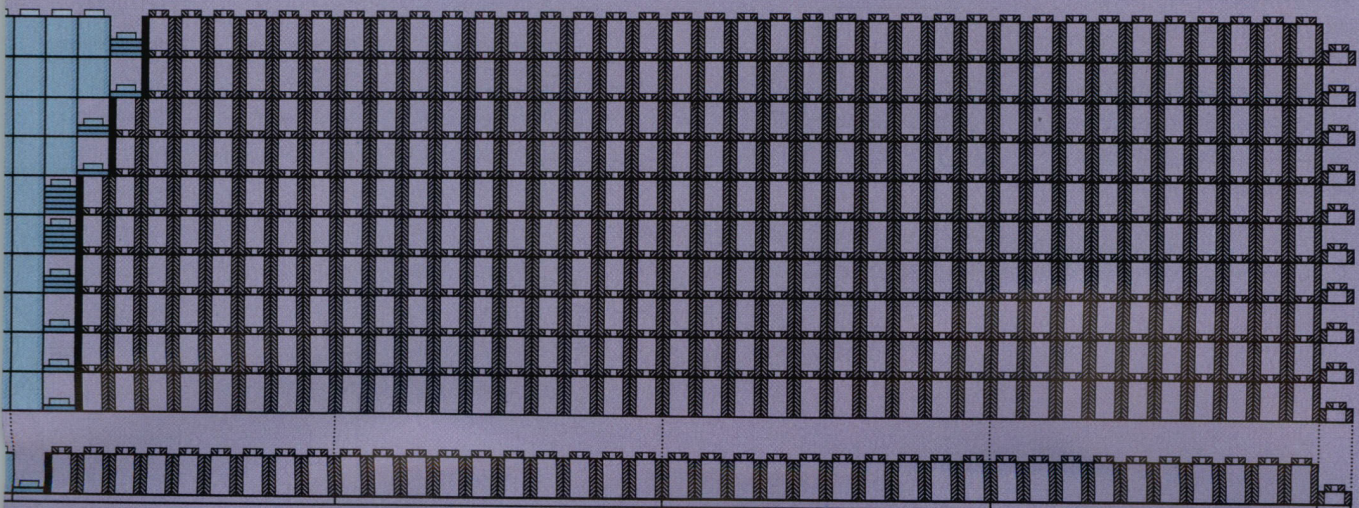
NOVA POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO AINDA NÃO CONSEGUE PROMOVER RETOMADA DOS EMPREGOS

APÓS DOIS ANOS SEGUIDOS de índice negativo, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil registrou alta de 1% em 2017, puxado pelas exportações agropecuárias. A notícia, entretanto, causou pouco impacto no cotidiano da maior parte dos brasileiros. A indústria e os serviços não acompanharam a tendência de melhoria e o desemprego continua a afligir ao menos 13 milhões de pessoas — sem contar os postos de trabalho baseados na informalidade.

Se em 2014 foi registrada a menor taxa de desemprego da história brasileira, afetando cerca de 4,3% da População Economicamente Ativa, esse índice saltou para 12,6% neste ano.

Como resultado, a pobreza extrema aumentou 11%. “Houve uma mudança de rumo na política econômica: o mercado interno deixou de ser privilegiado para uma plataforma de exportações”, diz o pesquisador Marcio Pochmann, que também é presidente da Fundação Perseu Abramo, ligada ao Partido dos Trabalhadores. “Até pouco tempo, o custo de trabalho na indústria no Brasil era cinco vezes maior que na China. Em 2017, esse custo na China já era 16% maior que no Brasil.” Para Pochmann, o quadro de desemprego faz com que os trabalhadores aceitem salários menores e com piores condições.

UM ANO = 52 SEMANAS



ESCRavidÃO MODERNA

HÁ CINCO ANOS, O NÚMERO DE RESGATE DE TRABALHADORES ESCRAVOS SÓ DIMINUI NO BRASIL. MAS NÃO HÁ NADA A COMEMORAR

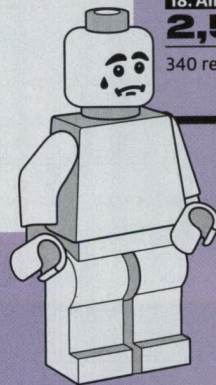
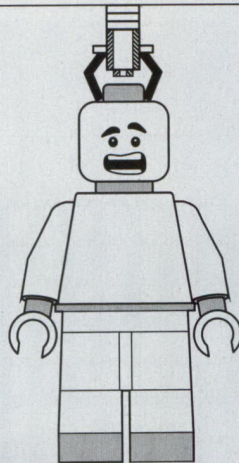
QUASE 6 MIL PESSOAS que viviam em condições análogas à escravidão foram resgatadas pelo Ministério do Trabalho em 2007, um número recorde nos últimos 20 anos. Dez anos depois, a quantidade foi bem menor: 341 pessoas foram resgatadas. A queda no número de registros não indica necessariamente uma resolução do problema: é que os cortes no orçamento público têm dificultado a ação de fiscalização e combate à escravidão contemporânea.

Desde 1995, grupos móveis do Ministério do Trabalho são responsáveis por checar as denúncias de trabalho forçado. Se, por exemplo, alguém informa que uma usina de cana-de-açúcar coloca a saúde e a vida de seus trabalhadores em risco, os fiscais vão até lá verificar a situação — caso fique comprovado o crime, os funcionários são resgatados e os patrões, multados e processados. Ameaças, jornada exaustiva e servidão por dívida são algumas das caracterizações do trabalho escravo contemporâneo.

O problema é que há cada vez menos gente para realizar a fiscalização. “A população brasileira e a produção cresceram, mas o quadro de auditores fiscais não”, ex-

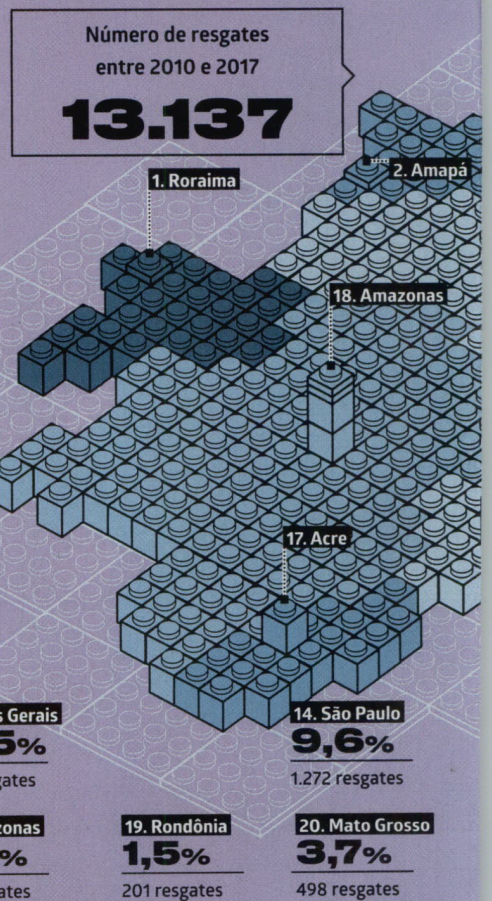
plica Mauricio Krepsky, chefe da Divisão de Fiscalização para Eradicação do Trabalho Escravo do Ministério do Trabalho. Para piorar, no ano passado o governo federal cortou parte da verba do órgão. Faltou dinheiro para bancar as despesas dos fiscais.

A complexidade das relações de trabalho é outro fator que dificulta a atuação dos fiscais. No campo, o patrão não consegue se isentar da culpa quando há comprovação de trabalho escravo — a relação é tão direta que os funcionários dormem por lá, em alojamentos. Nos centros urbanos, as empresas se defendem alegando que não controlam os funcionários terceirizados. “É mascarado, mas o perfil de explorar a condição de vulnerabilidade é a mesma. As empresas têm controle sobre toda a cadeia de produção”, diz Krepsky.



ONDE VIVEM OS ESCRAVOS

Conheça os lugares do Brasil com mais registros de trabalho análogo à escravidão



1. Roraima
0,2%

27 resgates

4. Maranhão
4,8%

639 resgates

7. Piauí
2,9%

381 resgates

10. Paraíba
0,4%

52 resgates

2. Amapá
0,2%

26 resgates

5. Tocantins
5,6%

747 resgates

8. Goiás
8,7%

1.155 resgates

11. Pernambuco
0,3%

41 resgates

3. Pará
13,8%

1.822 resgates

6. Ceará
1,8%

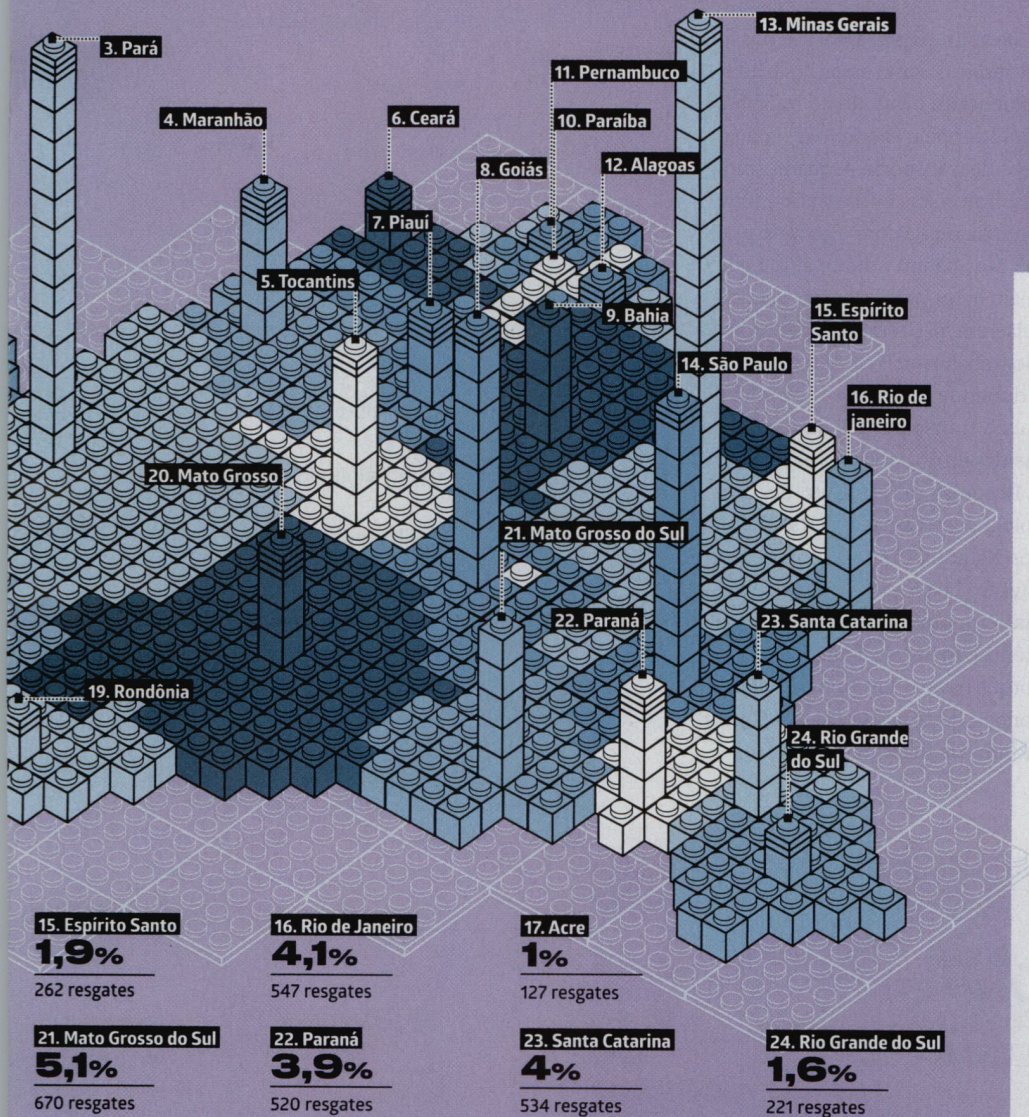
245 resgates

9. Bahia
4,1%

545 resgates

12. Alagoas
0,7%

94 resgates



QUAL O PREÇO PARA O LUCRO?

Algumas marcas que foram investigadas no Brasil por ligação direta ou indireta com trabalho escravo

- ◆ M. Officer
- ◆ Marisa
- ◆ Pernambucanas
- ◆ Coca-Cola
- ◆ Renner
- ◆ BRF
- ◆ Zara
- ◆ Haribo
- ◆ Brookfield
- ◆ Cutrale
- ◆ OAS
- ◆ JBS Aves

UM GRITO DE LIBERDADE?

ATÉ NAS HORAS LIVRES VOCÊ USA SEU TEMPO PARA BENEFICIAR SEU PATRÃO

Para alguns, uma semana de trabalho só vale a pena na sexta-feira à noite. Você planeja o *happy hour* ou uma ida à praia. Tudo para aproveitar seu tempo livre. Aí o domingo acaba e a rotina volta ao normal. Fins de semana trazem essa sensação de liberdade, como se servissem para reenergizá-lo para a próxima semana. Mas, então, por que toda segunda-feira é tão ruim? "Você não questiona, vive um fluxo. Trabalha e descansa para recuperar as energias para o trabalho", diz a socióloga Valquíria Padilha. Ou seja: até nas horas livres estamos a serviço do trabalho.

Com um modelo que busca maximizar a produção e evitar o desperdício de tempo e dinheiro a qualquer custo, as atividades também se tornam mecanizadas — há quase nada de espaço para a criação e o livre pensar. Não é de se espantar que a maioria das ocupações seja exercida por obrigação. "Meu ponto é: se o trabalho é doença, o lazer é remédio?", questiona Padilha.

ÍNDICE GLOBAL DA ESCRAVIDÃO

40,3

MILHÕES DE VÍTIMAS

DE ESCRAVIDÃO MODERNA NO MUNDO

161.100

VÍTIMAS

SÓ NO BRASIL

ROBÔS, UNI-VÓS

AS MÁQUINAS NÃO VÃO DOMINAR O MUNDO COMO VOCÊ IMAGINA, MAS MUDARÃO DE VEZ NOSSA RELAÇÃO COM O TRABALHO

É PROVÁVEL QUE O seu próximo colega de escritório não curta tomar um cafezinho porque isso danificará seus componentes eletrônicos. De acordo com pesquisa realizada pela consultoria McKinsey, cerca de 14% dos empregos no Brasil poderão ser ocupados por máquinas até 2030. Em números, serão 15,7 milhões de postos de trabalho automatizados.

Mas isso não quer dizer que não haverá humanos por trás das atividades — apenas 5% dessas ocupações podem ser 100% automatizadas. “As vagas mais suscetíveis estão nas áreas de manufaturas, hospedagem e varejo”, diz Ana Karina Dias, da McKinsey. “Alguns empregos acabam, mas novos surgem. Precisamos aprender a usar essas tecnologias.”

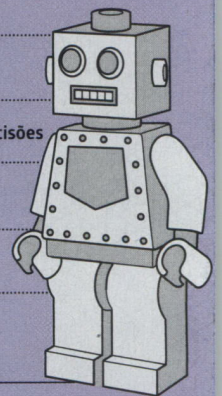
De volta ao presente, já é possível verificar como essas novidades influenciam o mundo do trabalho. Basta ver pelo exemplo de aplicativos de transporte — quantos novos motoristas encontraram uma fonte de renda com o próprio carro? Mas há um porém: ainda que sejam livres para trabalhar quando quiserem, não têm qualquer proteção trabalhista. E às vezes passam a depender de taxas e políticas pouco transparentes das empresas donas dos aplicativos.

Pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos, mostra que o futuro nos reserva outro problema: empobrecimento da classe média e maior desigualdade. Isso porque haverá dois tipos de vagas: donos e gerentes de um lado; operadores de máquinas de outro.

PARA GARANTIR O PRÓXIMO EMPREGO

Veja quais serão as habilidades mais valiosas para conquistar uma boa vaga no futuro

- ◆ Resolução de problemas complexos
- ◆ Pensamento crítico
- ◆ Criatividade
- ◆ Gerenciamento de pessoas
- ◆ Coordenação de pessoas
- ◆ Inteligência emocional
- ◆ Julgamento e tomada de decisões
- ◆ Orientação de serviços
- ◆ Capacidade de negociação
- ◆ Flexibilidade cognitiva



Fonte: McKinsey

BLADE RUNNER NA SUA FIRMA

Tecnologias ameaçam empregos de bilhões de pessoas, mas introduzirão novos tipos de ocupações

Em 2030, dos **2,66 BILHÕES** de trabalhadores empregados no planeta, de **8% a 9%** estarão em ocupações que ainda não existem hoje nas empresas

No Brasil, **9,2 MILHÕES** de cargos administrativos têm potencial para serem automatizados. Setores como varejo e transporte serão impactados de modo drástico pela utilização de máquinas

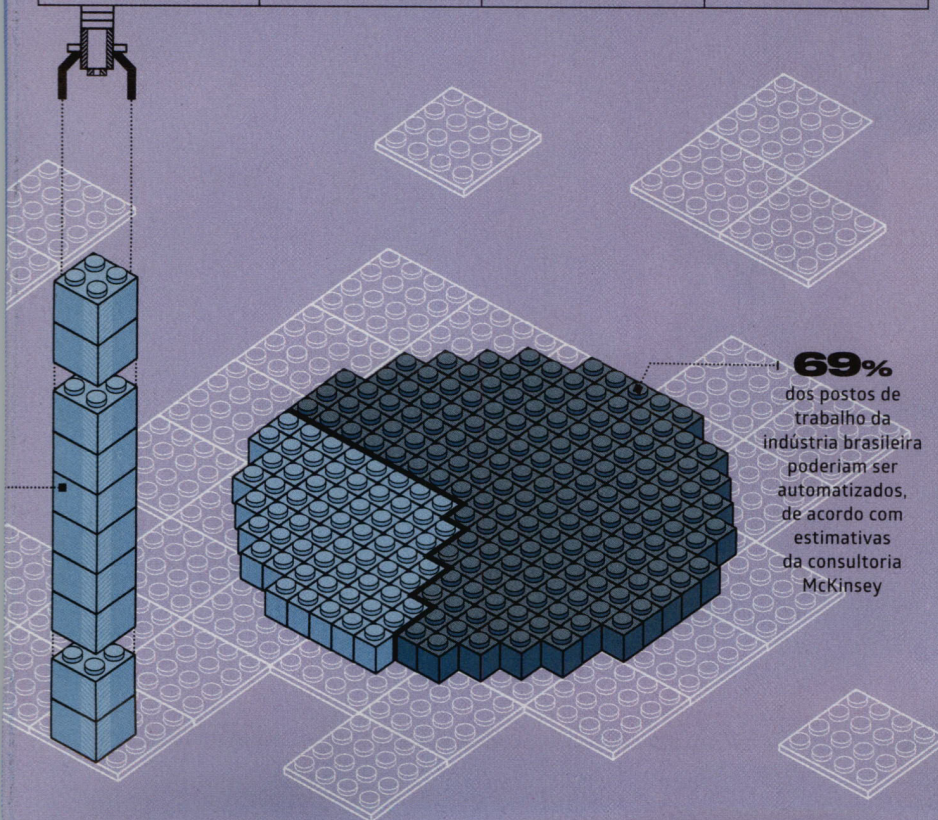
A cada **10 TRABALHOS** que existem atualmente, **6** têm capacidade de ter parte de sua atividade automatizada



UM FUTURO MELHOR?

Pesquisa estima o número de trabalhadores que poderão perder postos de trabalho por conta da automação em 2030

 CHINA 111,2 MILHÕES	 ÍNDIA 56,9 MILHÕES	 ESTADOS UNIDOS 38,6 MILHÕES	 INDONÉSIA 17 MILHÕES
 BRASIL 15,7 MILHÕES	 JAPÃO 15,5 MILHÕES	 RÚSSIA 11,3 MILHÕES	 ALEMANHA 9,1 MILHÕES
 MÉXICO 8,8 MILHÕES	 NIGÉRIA 7,2 MILHÕES	 COREIA DO SUL 6,6 MILHÕES	 FRANÇA 5,6 MILHÕES



DINHEIRO PARA TODO MUNDO

GRAÇAS À ROBOTIZAÇÃO, CONSEGUIREMOS TRABALHAR MENOS (E GANHAR COM ISSO)?

EXECUTIVOS DO VALE DO SILÍCIO e o vereador Eduardo Suplicy (PT-SP) têm algo em comum: eles estudam como colocar em prática um programa de renda básica para todos os cidadãos. A ideia é antiga: no século 18, Thomas Paine, ideólogo da Independência dos Estados Unidos, era um dos defensores dessa medida, como maneira de garantir que cada pessoa recebesse parte da riqueza produzida por uma nação.

Desde a década de 1980, o estado norte-americano do Alasca paga a seus 700 mil cidadãos uma quantia de cerca de R\$ 3 mil. A grana sai de um fundo do governo que recebe royalties pela exploração de petróleo no estado. Em outros lugares, como Canadá, Finlândia e Holanda, os governos selecionaram moradores para receber dinheiro (de 500 euros a mil euros, dependendo do país) para analisar o efeito prático da medida. Nesses lugares, os beneficiários deixaram de fazer dinheiro para seus patrões e passaram a investir nos próprios negócios.

A medida aparece como uma provável salvação para o capitalismo e entusiasma executivos de empresas de tecnologia, como a Uber: se a automação reduzir o número de empregos, alguém precisa consumir e fazer crescer o mercado interno. E só haverá consumo se as pessoas tiverem dinheiro para gastar.

No projeto defendido por Suplicy, brasileiros e imigrantes que residam no país há mais de cinco anos receberiam dinheiro do governo para cuidar da alimentação, saúde e educação. O projeto seria implantado de maneira universal e sem contrapartidas. Sonho ou realidade próxima?